

06-09-2022

A INDÍGENA CAYAPÓ

Damiana Pereira de Sousa

[Professora e pesquisadora de literatura indígena]

Como ter credibilidade e conviver pacificamente com dois povos rivais? Como transitar tranquilamente em territórios inimigos?

Isso é possível? Para a indígena Cayapó, conhecida oficialmente por seu nome cristão Damiana da Cunha, sim! Ela, pertencente ao povo indígena Cayapó, se tornou sujeito histórico de interesse de vários campos dos saberes. No entanto, pouco se sabe o que, de fato, aconteceu, pois houve um apagamento na história de Goiás sobre seus feitos e sobre os feitos de seu povo. Na história oficial ela quase não aparece. Em torno de sua trajetória várias questões podem ser problematizadas. Das fontes recorro ao romance histórico *Guerra no Coração do Cerrado* (2006), de Maria José Silveira, que conta o trajeto feito pela indígena, entre 1779 e 1831. Romance que foi objeto de estudo da dissertação de mestrado de Ângela Maria Álvares Lapidus (2020), orientada por Ricardo Gonçalves e defendida no Programa de Pós-graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI/UEG). É possível constatar com a leitura do romance e da dissertação de Ângela os processos de extermínio e apagamento dos povos indígenas em Goiás. A problemática em torno da figura de Damiana revela sua inteligência em buscar meios de sobrevivência no horror colonizador. Damiana da Cunha Menezes (nome e sobrenome dado pelo governador da capitania D. Luiz da Cunha Menezes) se tornou conhecida por sua relação com os indígenas e não indígenas como mediadora da paz. Ao ocupar lugar de protagonismo na história de Goiás (contexto fabular) é representada como heroína. Mas no romance de Maria José Silveira é contextualizada sua dimensão humana, suas fragilidades e seus erros que custaram, segundo Lapidus, a dizimação da sua cultura e de seu povo.

Isto se deu porque Damiana ajudou a convencer seus parentes que o aldeamento proposto pelo governo seria a forma mais segura e melhor para viver. Assim, realizou cinco expedições com este objetivo.

Lapidus expõe que os aldeamentos limitavam os povos indígenas com promessas falsas de segurança em territórios impostos pelos colonizadores. Nesses locais os indígenas eram batizados de acordo com os princípios do catolicismo, o que claramente evidencia o etnocentrismo forçoso. A autora esclarece que os aldeamentos já apareciam na historiografia, como parte do projeto colonial, desde o século XVI com o intuito de “domesticar” os povos indígenas, tornando-os “civilizados” e “úteis” ao avanço da colonização no interior do país, sobretudo na extração de pedras preciosas.

Percebe-se na construção da identidade de Damiana o sentimento de pertencimento a seu povo e a seu lugar, pois é destacado o quanto seu povo a amava e respeitava, não havendo nenhuma possibilidade de não fazerem o que ela dissesse. Como mencionado por Lapidus citando Silveira (2006, p.87): “*ali em sua aldeia todos os olhos se movem junto com ela. Todos a amam. Todos fazem uma festa permanente para suas coisas. Todos riem com ela – não dela – o tempo todo*”.

Damiana e seu irmão Manoel da Cunha foram criados como afilhados no palácio do governador Dom Luiz.

Desse modo, permanece como ponte entre os não indígenas e os Cayapós. Ou seja, é nítido que foi vítima do perverso projeto colonizador e que o sentimento de pertencimento e amor para com seu povo foi utilizado no processo de dizimação da nação e cultura Cayapó. A escolha de Damiana e de seu irmão pelo governador foi minuciosamente estratégica, haja vista que eram parentes de lideranças indígenas. Damiana era neta do chefe Angraiochá e de sua mulher Xuinequá, facilitando a aceitação dos Cayapós. No entanto, mesmo com sua criação sob o domínio do governador, o romance de Maria José Silveira revela uma Damiana integrada à sua comunidade, caracterizada pelo sentimento coletivo de amor à natureza. Isso demonstra uma integralidade mútua, pois na comunidade junto aos parentes celebravam a vida, a terra, o Cerrado.

Percebe-se ao mesmo tempo o drama da indígena ao partir para as expedições, primeiro em Maria I (homenagem à rainha de Portugal) e depois em Mossâmedes/GO. Como exemplo da inteligência e domínio de Damiana nos dois territórios, pode-se ressaltar as impressões do naturalista francês Saint-Hilaire. Conforme Lapidus (2020), a historiografia aponta que o naturalista ficou impressionado com o poder de liderança de Damiana e a facilidade com a qual transitava em territórios inimigos com culturas tão antagônicas e como era admirada e respeitada pelos dois lados. As expedições e as tentativas de “salvar” seu povo tiveram uma repercussão grandiosa na vida de Damiana da Cunha no sentido heroico. Sua biografia é escassa, com referência apenas à data de nascimento, entre outros dados da família. Isto é, quase não há informações sobre sua história pessoal antes de seu contato com os não indígenas (e isso já diz muita coisa), pois no romance a história de Damiana começa justamente quando ela chega à antiga Vila Boa, atual Cidade de Goiás, e termina em 1831 com sua morte ao voltar da quinta expedição. Portanto, não há dúvidas de que Damiana Cayapó foi convencida de que as expedições eram para salvar seu povo da fome, das doenças e da violência (seriam tratados como ela era). Como conhecia e dominava os dois códigos culturais utilizou e tentou estabelecer a paz. Mesmo diante da falta de fontes, da nebulosa que rodeia sua história, é facilmente compreensível que o bárbaro processo colonizador perpetrado pelo governador Dom Luiz da Cunha Menezes visava aldear pacificamente os povos indígenas, principalmente os Cayapós que se destacavam por sua valentia e resistência ao processo de colonização. A indígena Cayapó recebeu o Cunha e ficou conhecida por ele (CUNHA), ela não teve escolha, era uma criança, foi escolhida e utilizada nessa trama violenta e sanguinária. Isto é tão evidente que passou a ser vista de forma diferenciada dos estereótipos atrelados aos povos indígenas.

Educada e não selvagem, Cunha e não Cayapó. Recebeu homenagens com o Cunha, escolas com seu nome em Goiás: Colégio Estadual Damiana da Cunha em Goiânia e a Escola Municipal Damiana da Cunha em Mossâmedes. Como não se sabe nada da sua vida antes da chegada em Vila Boa, temos que questionar também o Damiana, pois não é seu nome ancestral. Pois bem!

A indígena Cayapó foi envolta numa série de circunstâncias que permitiram sua notável atuação política, sua fluência na língua portuguesa, seus conhecimentos sobre o catolicismo.

Em outras palavras, foi criada no seio da sociedade colonial e as práticas culturais Cayapós mantidas atraíam os indígenas, o que facilitou o aldeamento. Damiana da Cunha na realidade teve sua ancestralidade roubada, apagada e ocultada, foi mais uma vítima desse projeto de Brasil, desse projeto colonial que perdura até os dias atuais com a neocolonização e constante matança dos corpos-territórios indígenas.

Qual seu nome ancestral

Damiana da Cunha?

Qual o meu? Qual? Não sabemos...

■ ■ ■

Nome ancestral

Eu tenho um nome que ainda desconheço

Um nome antigo, tecido nas fibras de inajá

Eu tenho um nome pelo qual os deuses me invocam intimamente

Eu lhes escuto de dentro chamar

*Eu também tenho um outro nome, que pertence à língua e
bandeira que persistem em me borrar do papel branco.*

Mesmo borrado, o grafite resiste,

*mesmo apagado, a marca do traço fica, não tão invisível,
assim como eu...*

Julie Truduá Dorrico (escritora macuxi)

Referências

■ Silveira, Maria José. Guerra no coração do Cerrado. Rio de Janeiro: Record, 2006.

■ Lapidus, Ângela Maria. Cayapós, Caminhantes da História e da Ficção em Guerra no Coração do Cerrado, de Maria José Silveira. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, POSLLI/UEG, Goiás/GO, 2020.

*OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical.
A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões,
na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.*